Vulnerabilidade Social e Vulnerabilidade de Trabalho em Famílias de Baixa Renda no Município de São Paulo

Relatório de Pesquisa

GV-PESQUISA

Janeiro de 2007

ANDRÉ LUIZ SILVA SAMARTINI

Vulnerabilidade Social e Vulnerabilidade de Trabalho em Famílias de Baixa Renda no Município de São Paulo

Relatório de Pesquisa

André Luiz Silva Samartini

Fundação Getulio Vargas

Escola de Administração de Empresas de São Paulo

GV – Pesquisa

Agradeço ao GV-Pesquisa, que, através de seu coordenador Prof. Peter Kevin Spink, financiou este estudo.

Agradeço também ao Prof. Francisco Aranha pelo suporte dado ao longo deste trabalho e aos alunos Caio Fávero Teixeira e Fabio Luiz Romolu pela colaboração e empenho nos trabalhos de Iniciação Científica que serviram de base para este trabalho.

Vulnerabilidade Social e Vulnerabilidade de Trabalho em Famílias de Baixa Renda no Município de São Paulo

Resumo

Diante da necessidade de incorporação de indivíduos de baixa escolaridade e renda à força de trabalho brasileira e, por conseqüência, ao crescente consumo destes indivíduos e melhoria no bem-estar, propõe-se analisar neste estudo a vulnerabilidade de trabalho e social destes indivíduos. Os resultados encontrados devem ser úteis à formulação de políticas públicas de inclusão e re-qualificação profissional, bem como incentivar situações que levem a uma melhoria no bem estar destes indivíduos.

Palavras-Chave

baixa renda, força de trabalho, desemprego, vulnerabilidade de trabalho, vulnerabilidade social

Social and Work Vulnerability in Low Income Families in the City of São Paulo

Abstract

In the face of the need to incorporate individuals with low income and low level of education to the brazilian workforce, and, as result, the growth consumption of these individuals and increase in well-being, it is proposed in this study to analyze the work and social vulnerability of these individuals. The results are useful to the formulation of public policies of inclusion and professional re-qualification, as well as stimulating situations that leads to a increase in the well-being of these individuals.

Key-words

low-income, workforce, unemployment, work vulnerability, social vulnerability

Mini-currículo do professor pesquisador

André Luiz Silva Samartini é doutor em Administração de Empresas pela EAESP/ FGV e mestre em Estatística pela Universidade de São Paulo. É professor assistente do Departamento de Informática e Métodos Quantitativos da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getulio Vargas.

Índice

Introdução 2

1. Objetivo 2

2. Revisão Teórica 3

2. 1. Baixa Renda 3

2. 2. Desemprego e Força de Trabalho 4

2. 3. Vulnerabilidade 6

2. 4. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) 7

2. 5. Vulnerabilidade no Mercado de Trabalho da Pesquisa de Condições de Vida (PCV) 9

3. Construção dos Índices de Vulnerabilidade com Base na PBR 12

3. 1. Descrição da Amostra 12

3. 2. Vulnerabilidade Social na Baixa Renda 13

3. 3. Vulnerabilidade de Trabalho na Baixa Renda 14

3. 4. Construção do Índice de Vulnerabilidade para o chefe de família 17

3. 5. Construção do Índice de Vulnerabilidade para a família 22

4. Relação entre os índices de Vulnerabilidade na Baixa Renda 28

5. Limitações do Estudo 30

6. Continuação do estudo 31

7. Conclusão 32

8. Referências Bibliográficas 33

9. Anexos 37

Introdução

No Brasil, e em particular no município de São Paulo, o desemprego afeta dramaticamente a parcela da população com menores níveis de escolaridade e renda (TEIXEIRA e SAMARTINI, 2007).

Para esta parcela da população, por sua situação de vulnerabilidade perante o mercado de trabalho e também pela sua importância, são necessários estudos que melhor identifiquem os níveis e as causas da vulnerabilidade. A ampliação do conhecimento qualitativo e quantitativo sobre este segmento da sociedade permitirá melhor elaboração de políticas públicas e de estratégias do setor privado para absorção de mão-de-obra e inclusão social.

Ambas formas de vulnerabilidade podem gerar uma pré-disposição de redução do nível de bem-estar causada pelo fracasso em conseguir recursos materiais com os ativos que se possui (FILGUEIRA, PERI; 2004) ou pelo sentido dado ao trabalho pelo indivíduo.

Em função da disponibilidade de dados e das sinergias proporcionadas pelo Grupo de Pesquisa de Baixa Renda (PBR) realizada por Aranha e outros (2006), elegeu-se a população de baixa renda alvo da PBR como a população a ser estudada neste trabalho. Especificamente, este estudo se ocupará da caracterização quantitativa e da relação entre vulnerabilidade de trabalho e Social dos indivíduos de famílias de baixa renda selecionados da amostra da PBR.

Este estudo servirá como base para uma futura pesquisa qualitativa sobre sentidos do trabalho a ser feita com esta mesma amostra de indivíduos.

1. Objetivo

O objetivo deste projeto é primeiramente caracterizar a Vulnerabilidade no Trabalho das famílias pesquisadas na primeira fase do Programa de Baixa Renda (PBR). O conceito de Vulnerabilidade no trabalho será adaptado a partir da definição de Vulnerabilidade Social utilizada pela Fundação SEADE na Pesquisa de Condições de Vida (PCV) para a Região Metropolitana de São Paulo. Será também utilizada a definição de Vulnerabilidade Social empregada por Moura (2006) nesta mesma base de dados para, em seguida, estudar a relação entre o nível de Vulnerabilidade de Trabalho e Social em

famílias de baixa renda no município de São Paulo. A caracterização dos níveis de Vulnerabilidade de Trabalho e Social, bem como sua relação, servirá de base para um estudo futuro sobre sentido do trabalho na população de baixa renda. Neste estudo será feita uma análise qualitativa, através de entrevistas em profundidade, com indivíduos da amostra da PBR estratificados por nível de Vulnerabilidade, caracterizada no presente estudo.

2. Revisão Teórica

Neste tópico serão detalhadas as definições de baixa renda usadas neste estudo e será feita uma revisão teórica sobre vulnerabilidade e desemprego no Brasil, especialmente entre indivíduos de baixa escolaridade e renda. Também serão revistos e detalhados estudos sobre vulnerabilidade feitos pelo SEADE e pelo Grupo de Pesquisa de Baixa Renda (Aranha, 2006).

2. 1. Baixa Renda

A definição de baixa renda deste estudo está em linha com a do Grupo de Pesquisa de Baixa Renda (Aranha, 2006) e abarca indivíduos que vivem em **famílias** cuja **renda familiar mensal** é inferior a quatro salários mínimos. A PBR é descrita no capítulo 3 deste trabalho. A seguir, são dadas algumas definições relevantes para caracterização da Vulnerabilidade do indivíduo e de uma família.

Definiu-se **família** como o conjunto de pessoas residentes em um **domicílio**, ligadas por laço de parentesco (consangüinidade, adoção ou afinidade), assim como a pessoa que vive só. Os grupos de convivência (pessoas sem laços de parentesco por consangüinidade, adoção ou afinidade) que residem no mesmo domicílio não são considerados família.

Os **domicílios** são locais de moradia constituídos por um ou mais cômodos, com entrada independente (acesso direto à moradia, sem passagem por cômodos destinados à residência de outras pessoas) e separação (local de moradia limitado por paredes, muros ou cercas, além de coberto por teto, permitindo às pessoas que o habitam isolarem-se das demais).

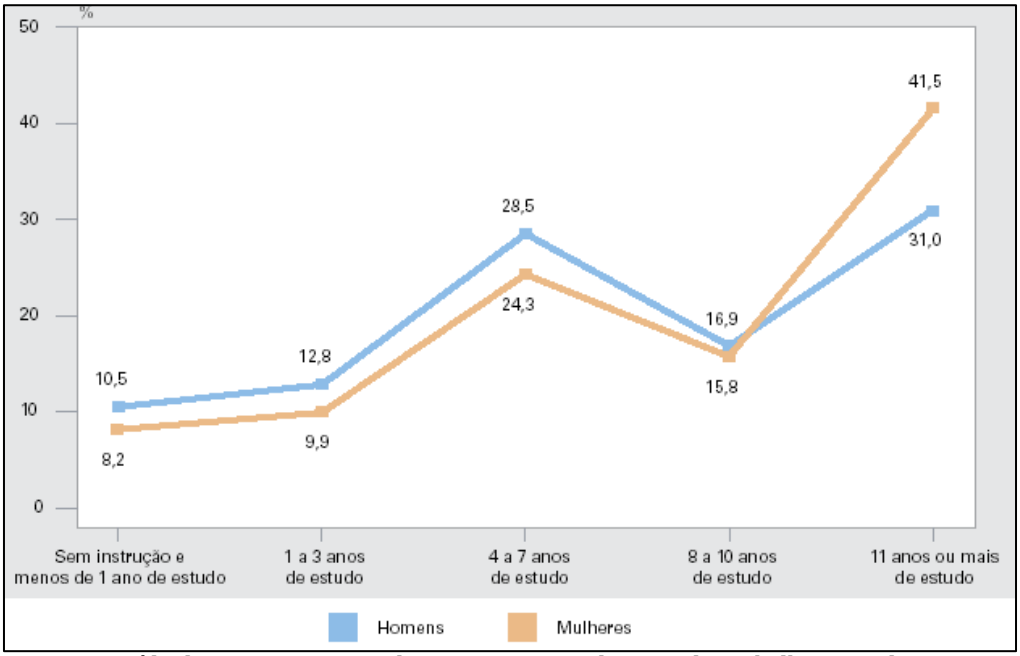
Entende-se **renda** como a soma do rendimento mensal de trabalho com o proveniente de outras fontes (IBGE, 2005). A renda é composta pela soma das receitas brutas (antes de qualquer tributo) provenientes de trabalho, pensão, programas de auxílio públicos e governamentais (como renda mínima, bolsa-escola ou seguro-desemprego, por exemplo) e aluguéis de quaisquer tipos. Tal conceito se aplica ao indivíduo (normalmente o chefe ou responsável pela família), à família ou ao domicílio. **Renda mensal familiar** é, portanto, a soma das rendas dos membros da família.

2. 2. Desemprego e Força de Trabalho

Segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio (PNAD, 2005), a taxa de desemprego varia muito por classe social, faixa etária, nível de escolaridade, gênero e região (TEIXEIRA; SAMARTINI, 2007).

A análise do Gráfico 1 a seguir corrobora alguns resultados achados por Soares e Oliveira (2004), que afirmam que a desigualdade de gênero e a segregação ocupacional permanecem fortes no Brasil e marcadas pelo componente regional, embora as mulheres tenham, sobretudo, maior escolaridade do que os homens.

Gráfico 1 – Distribuição das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por sexo, segundo os grupos de anos de estudo – Brasil – 2005



Fonte: Extraído do IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, PNAD 2005.

Neste sentido, cada vez mais os indivíduos de menor escolaridade e nível social estarão menos inseridos no mercado de trabalho no século XXI. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005), houve um crescimento de 32% no grau de instrução médio (em anos) requerido para contratações na última década. Atualmente, os trabalhadores contratados têm, em média, 7,5 anos de estudo (IBGE, 2005).

Nos Estados Unidos, o "prêmio pela habilidade" – definido como o salário incremental pelo fato de um trabalhador possuir um grau maior de instrução – será ainda mais significativo nos próximos 13 anos nos Estados Unidos (JUDY;D'AMICO, 1997).

No ano de 2005, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD), 62,87% da população brasileira de 10 ou mais anos de idade, ou 96.031.971 indivíduos, encontraram-se na situação economicamente ativa, enquanto pouco mais de 90% da PEA possuíam alguma ocupação. O estudo também identificou que, no país, 35,4% das pessoas ocupadas possuíam 11 ou mais anos de estudo, 26,8% apresentavam de 4 a 7 anos de estudo e 9,5% apresentavam nenhuma ou instrução inferior ao período de 1 ano. Nota-se pelo estudo que há uma maior dificuldade dos indivíduos com baixa escolaridade em conseguirem um trabalho. Associado a isto está a alta concentração de renda: no Estado de São Paulo, 50% das famílias mais pobres ficam com apenas 16,5% da renda (SEADE, 2006).

De acordo com Schonberger (2001), 22% dos brasileiros vivem abaixo da linha de pobreza. Das cerca de 3 milhões e 100 mil famílias moradoras do município de São Paulo, aproximadamente 30% vivem com renda abaixo de 4 salários mínimos (IBGE, 2004).

Diante da necessidade de incorporação dos indivíduos de baixa renda e escolaridade à força de trabalho brasileira, é importante quantificar o índice de vulnerabilidade dentro da baixa renda com objetivo de criar políticas públicas de inclusão destes indivíduos no mercado de trabalho.

2. 3. Vulnerabilidade

A maioria dos trabalhos sobre vulnerabilidade foca no aspecto econômico e ambiental e os índices de vulnerabilidade não são construídos no nível do indivíduo ou da família (BERNARD, 2004). Neste trabalho, entretanto, o foco da vulnerabilidade está no indivíduo e na família de baixa renda.

Wratten (1994) associa vulnerabilidade a conceitos como falta de segurança e exposição ao risco e ao stress. Moser (1996) define vulnerabilidade como "o bem estar de indivíduos, famílias ou comunidades diante de um ambiente em mudança". Para Filgueira e Peri (2004), a vulnerabilidade é definida como a capacidade limitada de um indivíduo ou grupo de responder a riscos, condições adversas e eventualidades e também está ligada a uma conseqüente redução do nível de bem-estar causada pelo fracasso em conseguir recursos materiais com os ativos que se possui.

A seguir, são apresentadas definições de vulnerabilidades específicas, como vulnerabilidade de Trabalho, Social e de Consumo.

O conceito de Vulnerabilidade no Mercado de Trabalho foi utilizado pelo SEADE (1992) na Pesquisa de Condições de Vida (PCV). De acordo com este estudo, esta vulnerabilidade "não constitui propriamente um conceito com definição única, mas uma série de situações qualitativamente diferenciadas que, por estarem associadas a condições de inserção frágeis e/ou precárias no mercado de trabalho, tornariam os indivíduos que nelas se encontram susceptíveis à pobreza" (SEADE, 1992).

Exemplos destas condições são: falta de acesso ao trabalho, instabilidade de trabalho e/ou baixos rendimentos auferidos, incorporação precoce no mercado de trabalho e insuficiência do valor da aposentadoria. (SEADE, 1992).

Os vulneráveis à pobreza são os indivíduos que por diversas razões têm renda relativamente baixa e se localizam ao redor da linha de pobreza. Entre tantas características, são indivíduos que, de uma maneira geral, respondem com mais dificuldade a variações de renda, sejam estas previsíveis ou imprevisíveis (JOHNSON; ROGALY, 1997).

Muitas vezes, a idade e as responsabilidades familiares destes indivíduos os impedem de transitarem em novos canais de mobilidade e integração social, restringindo suas oportunidades no mercado de trabalho (KAZTMAN, 1999).

A Vulnerabilidade Social é mais abrangente e, eventualmente, pode ser influenciada pela condição de Vulnerabilidade de Trabalho de um indivíduo. Kaztman (1999) define Vulnerabilidade Social como "a maior ou menor capacidade de controlar as forças que afetam o bem-estar de uma família, ou seja, a posse ou controle de ativos que constituem os recursos requeridos para o aproveitamento das oportunidades propiciadas pelo Estado, mercado ou sociedade". Na medida em que os ativos e recursos de um indivíduo ou de uma família os possibilitam melhorar suas condições de vidas ou pelo menos mantê-las em resposta a situações que a ameaçam, as reduções na vulnerabilidade são evidentes (BERNARD, 2004).

Além da Vulnerabilidade de Trabalho e a Vulnerabilidade Social, pode-se também falar em Vulnerabilidade de Consumo. Baker, Gentry e Rittenburg (2005) definem Vulnerabilidade de Consumo como um estado de falta de poder resultante de interações com o mercado em que o indivíduo não tem o controle da situação, criando dependência de fatores externos. Isto ocorre, por exemplo, quando o consumidor não consegue entender as propriedades do produto, ou quando não tem noção sobre juros e parcelamento e se vê em uma posição desfavorecida de consumo por falta de conhecimento.

Segundo Hill (2001), entre consumidores de baixa renda, fatores externos como escolaridade, etnia e falta de acesso a bens e serviços criam ou acentuam a vulnerabilidade do indivíduo. Somadas as três vulnerabilidades, tem-se uma situação de baixa mobilidade social e piora de bem estar.

A seguir são ilustrados alguns exemplos de índices de Vulnerabilidade que sevem como base para os índices construídos neste trabalho.

2. 4. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS)

A definição de Vulnerabilidade de Kaztman (1999) é utilizada também pela fundação SEADE no desenvolvimento do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS). No trabalho do SEADE (2004), foram selecionadas as seguintes variáveis para construção

do índice: renda, escolaridade, ciclo de vida (presença de crianças, adultos e idosos na família), condição habitacional e gênero. Estas duas últimas variáveis foram excluídas por não apresentarem discriminação entre grupos socioeconômicos. Por meio de uma análise fatorial (HAIR, 2005), as variáveis restantes foram reduzidas a dois fatores que definem a Vulnerabilidade Social: o sócio econômico e o de ciclo de vida da família. O Quadro 1 mostra as variáveis selecionadas e os respectivos fatores.

Fator	Variável
1	Porcentagem de responsáveis pelo domicílio alfabetizados no total de responsáveis do setor censitário
1	Porcentagem de responsáveis pelo domicílio com ensino fundamental completo no total de responsáveis do setor censitário
1	Anos médio de estudo do responsável pelo domicílio
1	Rendimento médio do responsável pelo domicílio
1	Porcentagem de responsáveis pelo rendimento de até 3 s.m. no total de responsáveis do setor censitário
2	Porcentagem de responsáveis pelo domicílio com idade entre 10 e 29 anos no total de responsáveis do setor censitário
2	Idade média do responsável pelo domicílio
2	Porcentagem de crianças de 0 a 4 anos no total da população residente do setor censitário

Quadro 1 – Variáveis selecionadas na construção do IPVS e fator resultante da análise fatorial.

A partir do resultado da Análise Fatorial foram criados seis grupos, ilustrados no Quadro 2 e descritos a seguir.

• Grupo 1 – nenhuma vulnerabilidade: engloba os setores censitários não vulneráveis, exibindo os maiores níveis de renda e escolaridade entre os responsáveis pelo domicílio e famílias mais velhas em termos do seu ciclo de vida familiar.

• Grupo 2 – vulnerabilidade muito baixa: engloba os setores censitários com vulnerabilidade à pobreza muito baixa, sendo o segundo em termos de renda e escolaridade do chefe e, em média, com as famílias mais velhas.

• Grupo 3 – vulnerabilidade baixa: incorpora os setores censitários que apresentam baixa vulnerabilidade à pobreza, posicionando-se em terceiro lugar em condições socioeconômicas e com famílias mais jovens ou em nível intermediário em termos do ciclo de vida familiar.

• Grupo 4 – vulnerabilidade média: um dos três grupos com maior vulnerabilidade à pobreza, apresentando-a em um nível médio, com famílias mais jovens em termos do seu ciclo de vida.

• Grupo 5 – vulnerabilidade alta: o segundo pior grupo em termos de condições socioeconômicas, apresentando famílias mais velhas.

• Grupo 6 – vulnerabilidade muito alta: o grupo que apresenta a maior vulnerabilidade à pobreza, com responsáveis por domicílios jovens com baixa renda e escolaridade.

<table>
<tr><td rowspan="2">Fator 1 - Sócio Econômico</td><td colspan="3">Fator 2 - Ciclo de vida da família</td></tr>
<tr><td>Famílias Jovens</td><td>Famílias Adultas</td><td>Famílias idosas</td></tr>
<tr><td>Baixo</td><td colspan="2">Vulnerabilidade alta</td><td>Vulnerabilidade muito alta</td></tr>
<tr><td>Médio</td><td rowspan="2">Vulnerabilidade muito baixa</td><td rowspan="2">Vulnerabilidade baixa</td><td>Vulnerabilidade média</td></tr>
<tr><td>Alto</td><td></td></tr>
<tr><td>Muito Alto</td><td colspan="3">Não vulnerável</td></tr>
</table>

Quadro 2 – Níveis de vulnerabilidade de acordo com fatores sócio econômicos e ciclo de vida.
Fonte: Adaptada de SEADE, 2004, pág 17.

2. 5. Vulnerabilidade no Mercado de Trabalho da Pesquisa de Condições de Vida (PCV)

A PCV (SEADE, 1992) utilizou, no cálculo da Vulnerabilidade da Inserção Individual no Mercado de Trabalho, a hierarquia de postos de trabalhos homogêneos e a rotatividade média do posto de trabalho. Os postos de trabalho homogêneos foram criados a partir 24 tipos de trabalho exercidos, que foram hierarquizados pela capacidade de geração e percepção de renda. Outras variáveis também foram utilizadas para criação dos postos de trabalho homogêneos: idade, qualificação da ocupação, contribuição previdenciária e/ou carteira de trabalho, estabilidade de trabalho e/ou emprego, jornada de trabalho, tamanho da empresa, nível de organização, setor de atividade e vínculo empregatício.

Foi utilizada a técnica *Chi-Square Automatic Intersection Detection* - CHAID (BARRY, GORDON; 1997) para identificar os grupos homogêneos em relação a estas variáveis. Os grupos formados são descritos a seguir.

Grupo I – postos de trabalho com alta rotatividade e baixa renda (autônomo com jornada reduzida com até 10 empregados, empregado doméstico mensalista sem carteira assinada, trabalhador de 15 a 17 anos);

Grupo II – postos de trabalho com média rotatividade e baixa renda (empregado doméstico com carteira assinada, trabalhador familiar, autônomo com mornada reduzida para empresa com mais de 10 empregados, etc);

Grupo III – postos de trabalho com alta rotatividade e média renda (assalariado do setor privado não qualificado ou semi-qualificado e técnico em empresa com menos de 50 empregados, etc);

Grupo IV – postos de trabalho com média ou baixa rotatividade e média renda (assalariado do setor privado semi-qualificado e técnico em empresa com mais de 50 empregados, empregador com até 10 empregados, assalariado do setor público não qualificado ou semi-qualificado, etc);

Grupo V – postos de trabalho com baixa rotatividade e alta renda (assalariado do setor privado em cargos de chefia ou qualificado, profissional liberal, assalariado do setor público de qualificação superior, empregador com mais de 10 empregados).

Estes grupos sofreram mais divisões internas, de acordo com a ocupação, e foram cruzados com a informação de continuidade de trabalho nos últimos 24 meses. A partir deste cruzamento, obteve-se a tipologia de Vulnerabilidade no Mercado de Trabalho, ilustrada na Tabela 1. Deve-se ressaltar que, na PCV, utilizam-se termos como “ruim”, referindo-se à inserção no mercado de trabalho. Desta forma, inserção muito ruim equivale à vulnerabilidade muito alta, ruim à vulnerabilidade alta e assim em diante. Neste trabalho, optou-se por utilizar termos referentes diretamente à vulnerabilidade e conseqüentemente os termos não são idênticos ao utilizados na PCV.

	Postos de Trabalho Homogêneos					
	Grupo I	Grupo II	Grupo III		Grupo IV	Grupo V
Continuidade de Trabalho	1 a 3	4 a 10	11 a 13	14	15 a 20	21 a 24
Com continuidade	Muito alta	Alta	Média	Média baixa	Baixa	Muito baixa
Sem continuidade	Muito alta	Muito alta	Alta	Média	Baixa	Muito baixa

Tabela 1 – Caracterização da Vulnerabilidade no Trabalho
Fonte: Adaptado de: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE. Pesquisa de Condições de Vida – PCV (1992).

A distribuição dos níveis de vulnerabilidade na amostra da Região Metropolitana de São Paulo em 1990 é dada na Tabela 2:

Nível de vulnerabilidade	Percentual da amostra
Vulnerável	**22,4**
Muito alta	12,1
Alta	10,3
Intermediário	**15,9**
Média	15,9
Não-vulnerável	**61,7**
Média baixa	23,2
Baixa	29,9
Muito baixa	8,6
Total	100

Tabela 2 – Distribuição dos níveis de Vulnerabilidade no Mercado de Trabalho
Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE. Pesquisa de Condições de Vida – PCV.

Na pesquisa realizada pelo SEADE, as famílias também foram classificadas de acordo com o nível de vulnerabilidade. Para definir a vulnerabilidade da família, considerou-se, além da vulnerabilidade do chefe, a vulnerabilidade do outro membro da família com a melhor inserção no mercado de trabalho.

A partir da seleção e classificação da vulnerabilidade do membro secundário mais bem posicionado no mercado de trabalho, foram identificadas diferentes combinações (cruzamentos) para se chegar à classificação de vulnerabilidade da família. A Tabela 3 mostra a classificação final obtida.

	Nível de vulnerabilidade do segundo membro mais bem posicionado						
Nível de vulnerabilidade do chefe	dependente	muito alta	alta	média	média baixa	baixa	muito baixa
não classificado	NC	1	1	5	6	7	7
dependente	NC	1	1	2	2	4	6
muito alta	1	1	1	2	2	4	6
alta	1	1	1	2	4	4	6
média	3	3	3	5	5	6	7
média baixa	3	3	4	5	6	7	8
baixa	6	6	6	6	7	7	8
muito baixa	9	7	8	8	8	8	9

Tabela 3 – Grupos de classificação da vulnerabilidade no Mercado de Trabalho, segundo a qualidade da Inserção dos Membros Selecionados. Caselas destacadas: famílias consideradas vulneráveis.
Fonte: Adaptada da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE. Pesquisa de Condições de Vida – PCV.
Nota: Grupos 1 a 3: famílias vulneráveis; 4 e 5: famílias intermediárias; 6 a 9: famílias não vulneráveis; NC: famílias não classificadas.

A Tabela 4 mostra a distribuição das famílias segundo os grupos de vulnerabilidade, para a amostra da PCV. Das famílias pesquisadas, 33,9% estão em situação de vulnerabilidade. Isto ocorre quando o chefe ou o membro secundário está em uma situação de vulnerabilidade alta e o outro membro, em situação de vulnerabilidade média baixa ou pior.

Vulnerável			Intermediária		Não-vulnerável				NC	Total
1	2	3	4	5	6	7	8	9		
11,5	4,8	17,6	5	8,6	24,9	12,7	3,5	5,2	6,2	100

Tabela 4 – Distribuição das famílias segundo níveis de vulnerabilidade, em percentual.
Fonte: Adaptada da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE. Pesquisa de Condições de Vida – PCV.

A seguir, serão caracterizados índices de Vulnerabilidade Social e de Trabalho na Baixa Renda com dados da PBR.

3. Construção dos Índices de Vulnerabilidade com Base na PBR

3. 1. Descrição da Amostra

Este trabalho partirá da metodologia empregada na PCV – Pesquisa de Condições de Vida, realizada pela Fundação SEADE (2005), e dos dados da PBR – Pesquisa de Baixa Renda, realizada por Aranha e outros (2006).

A amostra da PCV foi composta por 2.641 domicílios pertencentes a 9 distritos do município de São Paulo, quais sejam: Itaim Paulista, Vila Curuçá, Cidade Tiradentes, Sapopemba, Capão Redondo, Jardim São Luís, Brasilândia, Cachoeirinha e Jaçanã. No planejamento amostral da PCV, pesos maiores foram atribuídos aos setores censitários caracterizados por condições de maior vulnerabilidade social (SEADE, 2005)

Os dados da PBR foram coletados por meio de uma pesquisa domiciliar realizada no município de São Paulo em agosto de 2005, com base no plano amostral da PCV. A pesquisa de campo domiciliar probabilística foi realizada com 450 famílias, e sua condução foi realizada por um instituto de pesquisa contratado. Por renda baixa definiu-se a renda total domiciliar de no máximo quatro salários mínimos, que em julho de 2004

correspondiam a R$1200,00. Foram sorteadas, com base no plano amostral da PCV, famílias de baixa renda dos 9 municípios amostrados. Dentre os critérios de sorteio, tem-se: (i) domicílios mapeados e entrevistados na PCV; (ii) renda familiar mensal abaixo de quatro salários mínimos; (iii) domicílios ligados à rede elétrica por meio de medidores individuais e (iv) domicílios ocupados por apenas uma família.

Os entrevistados responderam um questionário preenchido pelo entrevistador de campo, que ao visitar o domicílio sorteado procurava o chefe do domicílio. Na falta do chefe, entrevistava-se o cônjuge. O questionário aplicado encontra-se no Anexo 1 deste documento. Detalhes do plano amostral podem ser obtidos no relatório de pesquisa da PBR (ARANHA e OUTROS, 2006).

A seguir, será mostrada a caracterização das famílias da PBR em termos de Vulnerabilidade de Trabalho e Vulnerabilidade Social. Em seguida, será estudada a relação entre os índices.

3. 2. Vulnerabilidade Social na Baixa Renda

Moura (2005) adaptou o IPVS às famílias de baixa renda no município de São Paulo utilizando os dados da PBR. Na análise, foram incorporadas informações sobre renda total da família e número de adultos com mais de 75 anos. A inclusão das contribuições adicionais dos outros membros da família ocorre porque o chefe da família geralmente não é o único responsável pelo orçamento. O Quadro 3 mostra as variáveis utilizadas para construção do indicador de vulnerabilidade social em famílias de baixa renda.

Indicadores	Variáveis
Ciclo de vida	Idade do chefe da família
	Porcentagem de crianças de 0 a 4 anos em relação ao total dos membros da família
	Porcentagem de adultos com mais de 75 anos em relação ao total dos membros da família
	Porcentagem de adultos em idade ativa (14 a 60 anos) em relação ao total dos membros da família
Renda	Total da renda bruta da família
Escolaridade	Anos de estudo do chefe da família

Quadro 3 – Indicadores de vulnerabilidade familiar.
Fonte: Adaptado de Moura (2005).

Ao contrário do resultado obtido pelo SEADE, Moura (2005) apontou a existência de um único fator de Vulnerabilidade Social a partir de uma análise fatorial (HAIR, 2005)

e construiu, a partir deste resultado, um indicador de Vulnerabilidade Social da Família de Baixa Renda, a ser utilizado neste trabalho. Neste indicador, a vulnerabilidade aumenta quando a renda ou o nível de escolaridade são mais baixos. Quanto maior o valor atribuído ao ciclo de vida, maior a vulnerabilidade. O Gráfico 1 mostra a distribuição do índice de Vulnerabilidade Social na amostra da PBR. Os dados foram re-escalonados de tal forma que a vulnerabilidade mínima da amostra assumiu o valor 9 e a máxima, 45.

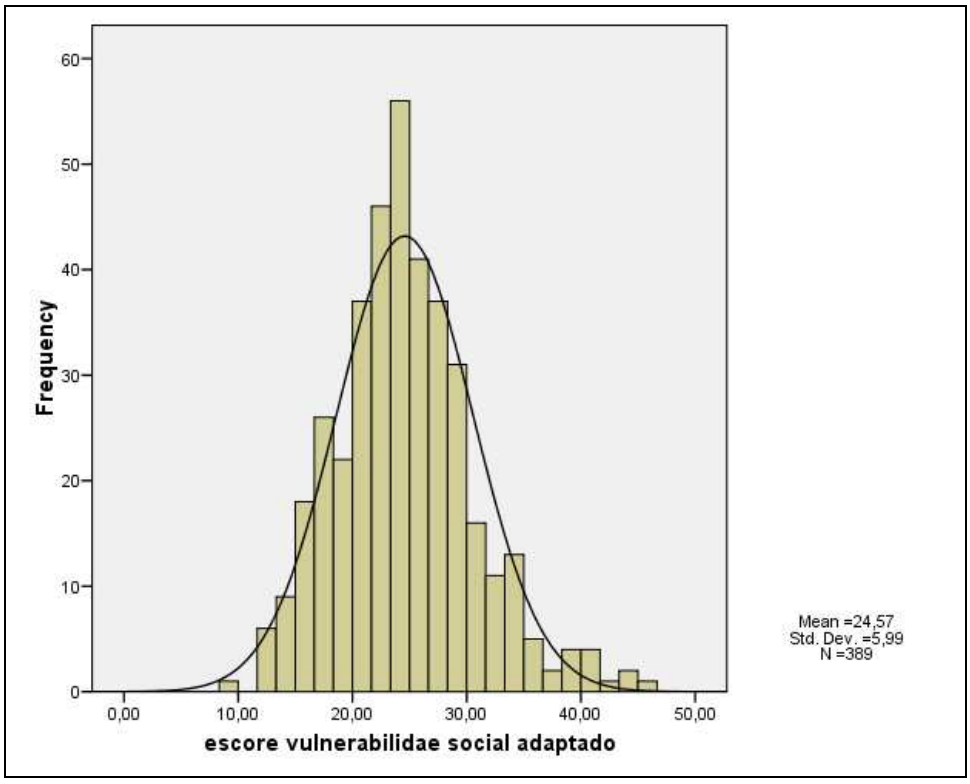


Gráfico 1- Distribuição do Escore de Vulnerabilidade Social re-escalonado.
Fonte: Adaptado de Moura (2005).

3. 3. Vulnerabilidade de Trabalho na Baixa Renda

Para construir o índice de Vulnerabilidade de Trabalho na Baixa Renda, Romolu e Samartini (2007) usaram variáveis do banco de dados da PBR similares às usadas na PCV (SEADE, 1992). Essas variáveis foram utilizadas primeiramente para calcular um índice de Vulnerabilidade de Trabalho para o chefe da família e, em seguida, o índice de Vulnerabilidade de Trabalho para a família como um todo, combinando informações

dos vários membros da mesma. A caracterização da Vulnerabilidade de Trabalho do chefe da família é mostrada a seguir.

A PBR contém dados sobre o tipo de trabalho do chefe de família, bem como se houve variação de renda ao longo do ano de 2004. A avaliação da variação de renda era feita pelo chefe da família ou seu cônjuge em relação à renda da família toda. A renda da família é composta pela soma das rendas de todos os mesmos. O entrevistador avaliou se a variação foi significativa em relação à capacidade da família de pagar seus gastos e despesas gerais. A quantidade de famílias que tiveram variação na renda no ano de 2004 foi igual a 24,4%, enquanto 75,6% não tiveram variação na renda familiar.

Dos 450 entrevistados pela PBR, 197 (43,8%) entrevistados estavam trabalhando de alguma forma e 253 entrevistados não tinham nenhum tipo de trabalho no momento da pesquisa. Ao observar a distribuição por tipo de trabalho dos entrevistados foi possível constatar uma grande variedade de respostas para esta questão. Deste modo, foi necessária uma adaptação e um agrupamento das respostas, de modo a assemelhar-se mais à classificação utilizada pela Fundação SEADE. Detalhes do agrupamento podem ser encontrados em Romolu e Samartini (2007).

Após agrupada e adaptada, a questão apresentou a distribuição de tipo de trabalho que pode ser vista na Tabela 5.

Respostas	Freqüência	Percentual	Percentual cumulativo
Assalariados	80	17,8	17,8
Empregados Domésticos	31	6,9	24,7
Autônomos	80	17,8	42,4
Empregadores e Profissionais Liberais	3	0,7	43,1
Outros	3	0,7	43,8
Não Trabalham	253	56,2	100,0
Total	450	100,0	

Tabela 5 – Distribuição de freqüência da variável “tipo de atividade” reagrupada.
Fonte: Base de dados PBR
Adaptada de Romolu e Samartini (2007)

A categoria “Outros” agrupa funcionários que ganham por produção e trabalhadores familiares sem remuneração.

A Tabela 6 mostra a distribuição conjunta entre a variação na renda e o tipo de trabalho dos entrevistados. Dentro da categoria dos assalariados, 20% tiveram variação na renda e 80% não tiveram. Já na categoria dos empregados domésticos, 26% tiveram variação na renda enquanto 74% não tiveram. Na categoria "autônomos", 24 tiveram variação de renda, contra 56 que não tiveram.

		Tipo de atividade (agrupada)						
		Assalariados	Empregados Domésticos	Autônomos	Empregadores e Profissionais Liberais	Outros	Não Trabalham	Total
Renda variou em 2004?	Sim	16	8	24	0	1	61	110
	Não	64	23	56	3	2	192	340
	Total	80	31	80	3	3	253	450

Tabela 6 – Distribuição conjunta do tipo de atividade e da variação de renda em 2004.
Fonte: Base de Dados PBR
Adaptada de Romolu e Samartini (2007)

Esta tabela assemelha-se à tabela utilizada pela PCV – Mercado de Trabalho na criação do índice de vulnerabilidade. A PCV, para determinar o índice, utiliza as variáveis "continuidade de trabalho nos últimos 24 meses" e "postos de trabalho".

Os postos de trabalho foram agrupados de tal forma que todos os postos dentro de um grupo tenham renda e rotatividade homogêneas. Exemplificando, o Grupo I definido na PCV é formado por trabalhadores de 15 a 17 anos, autônomos com jornada reduzida e empregado doméstico mensalista sem carteira assinada. Estes postos caracterizam-se por alta rotatividade e baixa renda média.

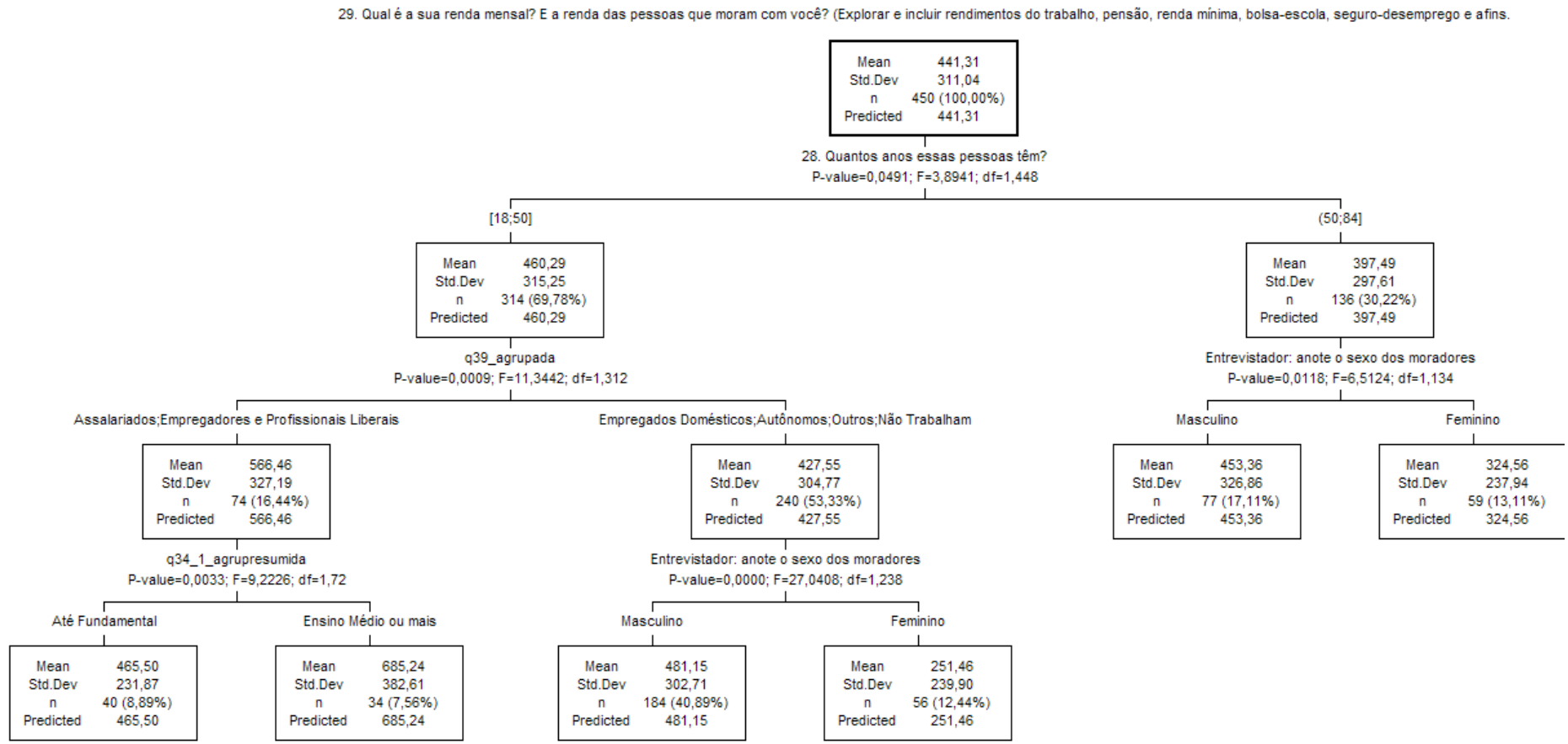
Por meio destas informações é possível obter um índice de Vulnerabilidade no Trabalho do chefe da família, uma vez que o cruzamento dos dados permite observar qual categoria de emprego possui maior ou menor renda.

O índice criado é formativo, segundo critérios estabelecidos por Jarvis et al (2003). Admite-se neste caso que o tipo de atividade e a variação na renda constroem o índice de vulnerabilidade. Caso uma destas variáveis for removida, o índice muda completamente. Se o índice fosse reflexivo, segundo Jarvis et al (2003), este não sofreria modificações significativas com a remoção de uma variável.

3. 4. Construção do Índice de Vulnerabilidade para o chefe de família

Para proceder à formação do índice de vulnerabilidade foi preciso criar grupos com os indivíduos da pesquisa, de modo a classificá-los segundo a renda. Para tanto, foi necessário utilizar um processamento estatístico exploratório - CHAID – *Chi Square Automatic Intersection Detection* – que permitiu identificar e hierarquizar os indivíduos segundo sua renda. A técnica do CHAID é utilizada para construir árvores em que cada nó é identificado por uma condição de divisão, que pode ser o tipo de ocupação, nível de escolaridade ou idade, dependendo da significância estatística (BARRY e LINOFF, 1997). O Quadro 4 demonstra a árvore resultante, bem como cada nó formado.

Na PCV da Fundação SEADE (1992) foi utilizado o mesmo método para classificar os indivíduos em grupos homogêneos e proceder com a classificação da vulnerabilidade destes. Os grupos formados na PCV utilizaram algumas variáveis preditoras diferentes das variáveis utilizadas nesta pesquisa embora algumas variáveis preditoras estejam presentes nos dois estudos: idade, hierarquização dos postos de trabalho, sexo e renda. Em um segundo passo, levou-se em consideração a rotatividade média nos postos de trabalho, detalhado a seguir.



Quadro 4 – Árvore para o Chefe de família.

Fonte: Romolu e Samartini (2007).

As características de cada grupo são as seguintes:

- Grupo 1 – Idade entre 18 e 50 anos; com tipo de ocupação: Empregados Domésticos, Autônomos, Outros, Não trabalham; do sexo Feminino

- Grupo 2 – Idade entre 50 e 84 anos; do sexo Feminino

- Grupo 3 – Idade entre 50 e 84 anos; do sexo Masculino

- Grupo 4 – Idade entre 18 e 50 anos; com tipo de ocupação Assalariados, Empregadores e Profissionais Liberais; com nível de escolaridade até o ensino Fundamental

- Grupo 5 – Idade entre 18 e 50 anos; com tipo de ocupação: Empregados Domésticos, Autônomos, Outros, Não trabalham; do Sexo Masculino

- Grupo 6 – Idade entre 18 e 50 anos; com tipo de ocupação Assalariados, Empregadores e Profissionais Liberais; com nível de escolaridade Ensino Médio ou mais

Os grupos foram hierarquizados a partir de suas rendas médias. Desta maneira, o Grupo 1 representa os indivíduos de menor renda e o Grupo 6 os indivíduos de maior renda. É importante ressaltar que esta maior renda é compreendida dentro de uma amostra com famílias de baixa renda, ou seja, continuam sendo indivíduos de baixa renda, porém dentro do grupo de baixa renda são destacados por uma renda maior.

Uma vez formados os grupos, foi possível determinar diferenças entre os indivíduos, tendo a renda como variável resposta. Para obter a vulnerabilidade no trabalho para o chefe de família os grupos criados foram cruzados com a variável “Renda variou em 2004?”. Por meio deste cruzamento foi possível saber a qualidade de inserção no mercado de trabalho dos indivíduos inseridos em cada grupo formado anteriormente. Na

PCV da Fundação SEADE os grupos homogêneos criados foram cruzados com uma variável similar: “continuidade no trabalho nos últimos 24 meses”.

De modo a determinar a qualidade de inserção de cada grupo, foi feita uma classificação de vulnerabilidade para cada um dos grupos em relação à variação de renda, o que permitiu identificar os indivíduos vulneráveis, intermediários e não-vulneráveis dentro da baixa renda.

Nota-se que a não-vulnerabilidade deve ser entendida dentro da amostra de baixa renda, já que ao se comparar um indivíduo ou grupo caracterizado como não-vulnerável nesta pesquisa com um indivíduo ou grupo caracterizado como não-vulnerável pela pesquisa da Fundação SEADE será percebido uma grande diferença, já que a PCV não restringe sua amostra apenas na população de baixa renda.

É possível observar, na Tabela 7, a distribuição de freqüências dos seis grupos cruzados com a variação de renda. Nota-se que o grupo de maior renda, com rendimentos médios de 685,24 reais por mês, ainda pode ser visto como um grupo vulnerável caso ampliemos o campo de visão desta amostra restrita à baixa renda para toda a população.

Porém, se considerarmos somente a amostra de baixa renda, este grupo combinado com uma não variação da renda pode ser visto como o grupo de melhor inserção qualitativa. Observa-se que existe uma grande parcela concentrada no Grupo 5, com 41% dos 450 entrevistados. Por meio desta tabela pode-se analisar como estão distribuídos os grupos em relação à variação de renda.

		Grupos Formados						
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5	Grupo 6	Total
Renda variou em 2004?	Sim	24	9	6	9	55	7	110
	Não	32	50	71	31	129	27	340
	Total	56	59	77	40	184	34	450
Renda média		*251,46*	*324,56*	*453,36*	*465,50*	*481,15*	*685,24*	

Tabela 7 - Qualidade da Inserção no Mercado de Trabalho para o chefe de família

Fonte: Base de Dados PBR

A Tabela 8 apresenta a combinação dos grupos criados para os indivíduos com a variação da renda familiar. Nota-se que esta tabela demonstra a qualidade de inserção de cada grupo com relação à variação de renda. Os grupos inseridos nas categorias de vulnerabilidade “Muito alta” e “alta” foram considerados grupos vulneráveis, enquanto os grupos inseridos em “média” são considerados grupos de vulnerabilidade intermediária e grupos inseridos como situação “média baixa”, “baixa” ou “muito baixa” foram considerados grupos não-vulneráveis dentro da baixa renda. Esta hierarquização qualitativa da inserção dos indivíduos foi baseada em hierarquização similar utilizada pela PCV da Fundação SEADE.

		Grupos Formados					
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5	Grupo 6
Renda variou em 2004?	Sim	Muito alta	Muito alta	alta	média	Média Baixa	baixa
	Não	Muito alta	alta	média	Média baixa	baixa	Muito baixa

Tabela 8 – Classificação da vulnerabilidade

Fonte: Base de Dados PBR

A Tabela 9 a seguir mostra o percentual da amostra classificado em cada categoria de vulnerabilidade. Nota-se que 26% da amostra encontra-se em um alto nível de vulnerabilidade de trabalho. Extrapolando para a população de baixa renda deste estudo, estima-se um total de aproximadamente 143000 domicílios com alto nível de vulnerabilidade nos bairros amostrados.

		Percentual
Vulneráveis		**26%**
	Muito Alta	14%
	Alta	12%
Intermediários		**18%**
	Média	18%
Não-vulneráveis		**56%**
	Média baixa	19%
	Baixa	31%
	Muito baixa	6%

Tabela 9 – Percentual da amostra em cada nível de vulnerabilidade

Fonte: Base de Dados PBR

Por meio desta combinação foi possível classificar a qualidade de inserção dos chefes de família, a partir de uma aproximação da variação da renda familiar. Como não existiam dados referentes à variação da renda somente do chefe de família, foi preciso aproximar como a variação da renda familiar. Esta variável permitiu classificar tanto a qualidade de inserção dos chefes de família como a qualidade de inserção da própria família, como será visto mais adiante.

A diferença existente entre esta pesquisa e a PCV é a disponibilidade de variáveis específicas para cada indivíduo pela segunda. Isto permite uma melhor classificação dos membros, já que os dados referem-se a determinado indivíduo e não à família em que estão inseridos.

3. 5. Construção do Índice de Vulnerabilidade para a família

Para desenvolver um modelo de classificação em grupos para a família, foi preciso criar um outro critério de classificação de vulnerabilidade para os outros membros da família, já que na base de dados da PBR – Pesquisa de Baixa Renda – não havia informações a respeito do tipo de ocupação de cada membro da família.

Deste modo, foi elaborado um modelo simplificado a partir do modelo realizado para o chefe da família. Este modelo simplificado foi utilizado apenas para os membros secundários, sendo que o chefe da família continuou sendo classificado com os seis grupos já citados. As variáveis existentes para os outros membros da família utilizadas pra classificação são: escolaridade, sexo e renda.

No banco de dados da PBR, havia a disponibilidade de informações referentes a até dez membros secundários, com diferentes classificações, podendo ser Filho, Enteado, Cônjuge, Neto, Sobrinho do Chefe, Sobrinho do cônjuge, Pai/Mãe, Sogro, Irmão, Cunhado, Genro/Nora, Avô, Tio, Outro Parente, Agregado e Outro. Nesta parte do trabalho, será calculada a vulnerabilidade do segundo membro mais bem inserido no mercado de trabalho. Observou-se a renda máxima entre os membros da família e foram utilizadas as variáveis sexo e escolaridade para formar grupos distintos de vulnerabilidade para o membro secundário da família.

Na PCV, o mesmo modelo utilizado para classificar os chefes de família foi utilizado para classificar os membros secundários. Pelo fato de existirem variáveis disponíveis no banco de dados da PCV, foi possível elaborar um modelo mais completo,

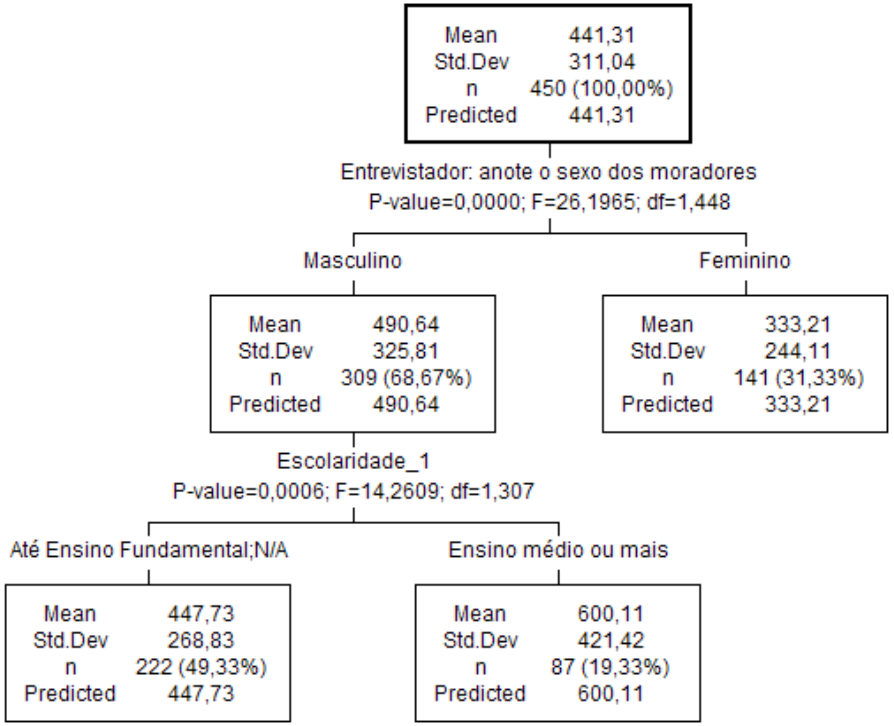
que permitiu uma classificação mais precisa do que a classificação utilizada nesta pesquisa.

Foi utilizado novamente o método CHAID - *Chi Square Automatic Intersection Detection,* com Renda como variável resposta e escolaridade e sexo como variáveis independentes. Foram criados três grupos, descritos a seguir.

- Grupo 1 – Indivíduos do sexo feminino
- Grupo 2 – Indivíduos do sexo masculino com escolaridade até Ensino Fundamental
- Grupo 3 – Indivíduos do sexo masculino com escolaridade a partir do Ensino Médio ou mais

O Quadro 5 mostra a árvore de distribuição com a criação destes grupos.

29. Qual é a sua renda mensal? E a renda das pessoas que moram com você? (Explorar e incluir rendimentos do trabalho, pensão, renda mínima, bolsa-escola, seguro-desemprego e afins.



Quadro 4 – Árvore para o membro secundário melhor inserido na família.

Fonte: Romolu e Samartini (2007).

A criação destes grupos foi importante para classificar todos os membros secundários da base de dados e, para cada família, selecionar o membro de melhor classificação de grupo discriminado pela variável renda. Deste modo, foi possível cruzar os grupos criados e aplicados para o chefe de família com os grupos criados e aplicados para os membros secundários.

A partir do cruzamento destes grupos, combinados com a variação ou não da renda da família, foi possível classificar a vulnerabilidade de cada família. É importante ressaltar que a vulnerabilidade destas famílias é restrita dentro de uma amostra de população de baixa renda, que é o foco desta pesquisa. Sendo assim, uma família considerada não-vulnerável nesta pesquisa pode não ser classificada como não-vulnerável quando se amplia a população para todas as rendas, sem restrição.

A renda da sua família variou muito?			Grupos para Membros Secundários				Total
			Não há membro secundário	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	
Sim	Grupos para o chefe	Grupo 1	1	7	12	4	24
		Grupo 2	2	1	3	3	9
		Grupo 3	0	3	2	1	6
		Grupo 4	0	3	4	2	9
		Grupo 5	0	17	26	12	55
		Grupo 6	0	2	5	0	7
	Total		3	33	52	22	110
Não	Grupos para o chefe	Grupo 1	4	7	15	6	32
		Grupo 2	15	7	20	8	50
		Grupo 3	6	28	24	13	71
		Grupo 4	0	9	19	3	31
		Grupo 5	3	43	66	17	129
		Grupo 6	3	8	12	4	27
	Total		31	102	156	51	340

Tabela 10 – Classificação da Vulnerabilidade Familiar no Mercado de Trabalho, segundo grupos dos membros da família

Fonte: Base de Dados PBR. Adaptado de Romolu e Samartini (2007).

Os indivíduos do Grupo 1 dos membros secundários são indivíduos com a menor renda média; os indivíduos do Grupo 2 têm renda intermediária e os indivíduos do grupo 3 apresentam a melhor renda entre os indivíduos de baixa renda.

Em relação aos grupos do chefe de família deve-se entender que os Grupos 1 e 2 mostram indivíduos vulneráveis, o grupo 3 mostra indivíduos com vulnerabilidade intermediária e os grupos 4 a 6 mostras os indivíduos menos vulneráveis.

A partir do cruzamento mostrado na Tabela 10, foi possível obter a qualidade de inserção das famílias seguindo um critério de pontuação similar ao utilizado pela PCV da Fundação SEADE. É possível perceber que à medida que o chefe de família avança no sentido de estar melhor inserido a partir de um grupo melhor, a família passa a receber uma pontuação melhor em termos de qualidade de inserção. De maneira análoga, quando o membro secundário está melhor inserido, a pontuação melhora em termos de qualidade de inserção. Finalmente, as famílias que estão dentro do grupo em que não há variação de renda têm uma pontuação melhor do que as famílias que tiveram variação de renda, pelo fato de estarem menos sujeitas a oscilações em suas rendas.

A Tabela 11 mostra a pontuação dada para cada família, segundo a inserção do chefe de família e do membro secundário mais bem inserido, combinado com a variação na renda. Esta tabela assemelha-se à tipologia utilizada na PCV, que classificou as famílias segundo a inserção qualitativa dos seus membros.

Pense no ano de 2004. A renda da sua família variou muito?			Grupos Secundários: Não há membro secundário	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Sim	Grupos para o chefe	Grupo 1	0	0	1	3
		Grupo 2	0	0	1	3
		Grupo 3	1	1	2	4
		Grupo 4	1	1	2	4
		Grupo 5	3	3	4	5
		Grupo 6	3	3	4	5
Não	Grupos para o chefe	Grupo 1	1	1	2	4
		Grupo 2	1	1	2	4
		Grupo 3	2	2	3	5
		Grupo 4	2	2	3	5
		Grupo 5	4	4	5	6
		Grupo 6	4	4	5	6

Tabela 11 – Pontuação das famílias para caracterização dos Grupos de vulnerabilidade de Trabalho na família
Fonte: Base de Dados PBR. Adaptado de Romolu e Samartini (2007).

Tem-se, portanto, a definição dos sete tipos de inserção no mercado de trabalho:

- 0 – Qualidade de Inserção Péssima (vulnerabilidade muito alta)
- 1 – Qualidade de Inserção Muito Ruim (vulnerabilidade alta)
- 2 – Qualidade de Inserção Ruim (vulnerabilidade média alta)
- 3 – Qualidade de Inserção Quase Regular (vulnerabilidade média)
- 4 – Qualidade de Inserção Regular (vulnerabilidade média baixa)
- 5 – Qualidade de Inserção Boa (vulnerabilidade baixa)
- 6 – Qualidade de Inserção Ótima (vulnerabilidade muito baixa)

Por meio deste método de classificação foi possível distinguir os efeitos da inserção dos membros da família sobre as condições de vida desta. Sendo assim, é possível perceber a intensidade da vulnerabilidade familiar dependendo da inserção dos membros familiares. Nota-se que a diferença existe entre a PCV e esta pesquisa é que os grupos foram cruzados com a continuidade de trabalho nos últimos 24 meses para cada membro da família. Desta

maneira, foi feito um cruzamento entre membros já classificados como vulneráveis, vulnerabilidade intermediária e não-vulneráveis.

Feita a classificação de cada família segundo sua qualidade de inserção, foi possível montar uma classificação desagregada, para poder definir em vulnerável, intermediária ou não-vulnerável. As famílias com pontuação de 0 a 2 foram classificadas em famílias vulneráveis. As famílias com pontuação de 3 e 4 foram classificadas em vulnerabilidade intermediária. As famílias com pontuação de 5 e 6 foram classificadas em não-vulneráveis dentro da amostra de baixa renda.

Níveis de Vulnerabilidade	Distribuição das famílias
Vulnerável	33,11%
Intermediário	38,67%
Não-Vulnerável	28,22%

Tabela 12 – Distribuição das famílias, segundo Níveis de Vulnerabilidade
Fonte: Base de Dados PBR

A Tabela 12 mostra a distribuição das famílias, em relação aos níveis de vulnerabilidade e tipos de inserção. É possível perceber que houve uma grande alteração em relação à vulnerabilidade somente para o chefe, mostrando a importância de se classificar não somente o chefe, como também membros secundários.

A combinação é importante já que permite destacar, nos três níveis de vulnerabilidade, situações diferenciadas segundo o surgimento de membros que estejam em grupos mais bem classificados. Deste modo, o surgimento de indivíduos em grupos melhores proporciona uma vulnerabilidade menor para a família.

4. Relação entre os índices de Vulnerabilidade na Baixa Renda

Neste tópico será analisada a relação entre a Vulnerabilidade Social e a Vulnerabilidade de Trabalho da Família para a amostra da PBR. Este estudo servirá para definir os estratos da

amostra de uma futura pesquisa qualitativa a ser realizada com base nos entrevistados da PBR.

O Gráfico 2 mostra que as famílias em situação de Vulnerabilidade Social (Grupos 0, 1 e 2) apresentam uma tendência de maior escore de Vulnerabilidade Social (mais vulneráveis). Pode-se dizer, descritivamente, que o escore médio de Vulnerabilidade Social tende a diminuir conforme a Vulnerabilidade de Trabalho é menor.

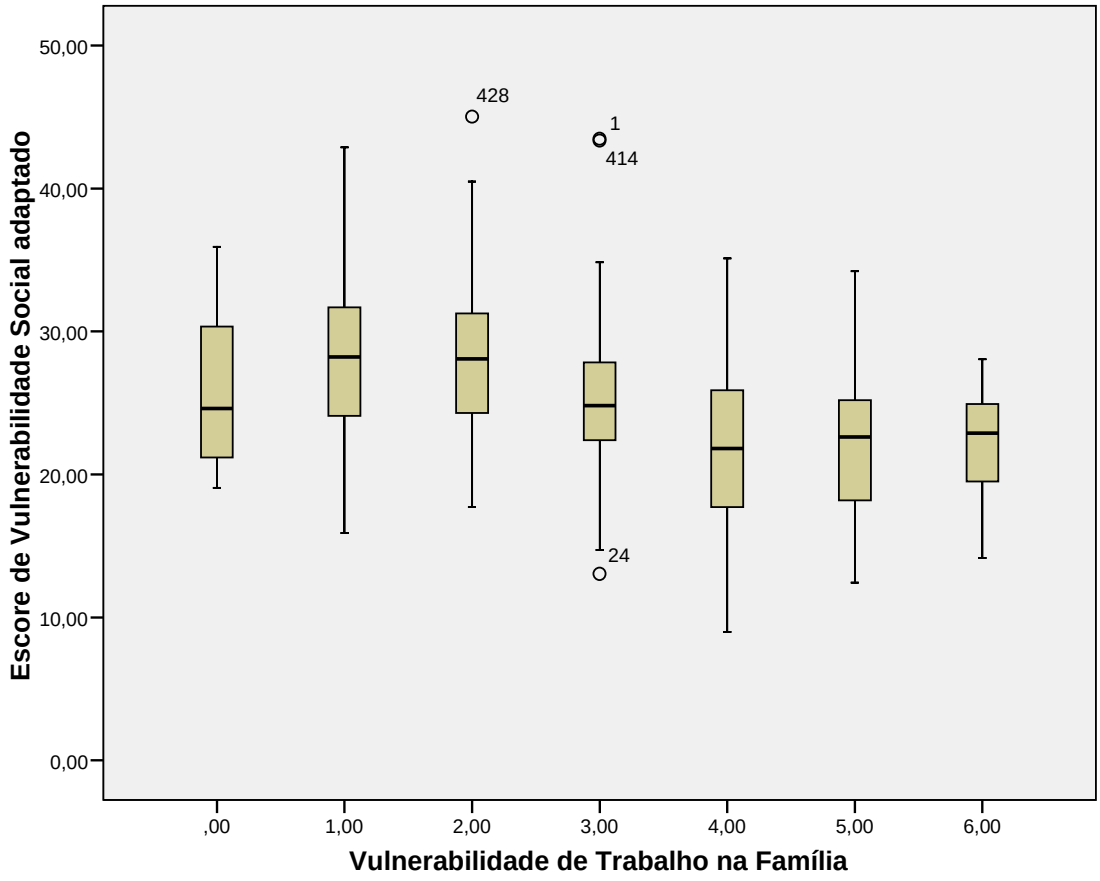


Gráfico 2 – Box plot do Escore de Vulnerabilidade Social da PBR pela Vulnerabilidade de Trabalho na Família

Foi feita uma Análise de Variância (ANOVA) para comparar as medas do Escore de Vulnerabilidade Social entre os grupos de Vulnerabilidade de Trabalho. O resultado, mostrado na Tabela 13, indica que há evidências de diferença entre as médias (valor-p<0,001).

Escore vulnerabilidade social adaptado

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	3046,526	6	507,754	17,890	,000
Within Groups	10813,279	381	28,381		
Total	13859,805	387			

Tabela 13 – Tabela de ANOVA da variável "Vulnerabilidade Social" com "Vulnerabilidade no Trabalho" como fator.

O resultado da ANOVA mostra que ambas as formas de vulnerabilidade estão correlacionadas; quanto maior a vulnerabilidade no trabalho, existe maior tendência de haver maior a vulnerabilidade social. Desta forma, a estratificação por apenas uma destas variáveis responde por grande parte da variabilidade amostral.

5. Limitações do Estudo

No decorrer desta pesquisa foi possível identificar algumas limitações, principalmente em relação à base de dados utilizada. Apesar de ter sido possível a criação do índice de vulnerabilidade para a família, não foi possível caracterizar cada membro da família em relação ao tipo de trabalho (apenas o chefe), o que permitiria uma classificação mais precisa da inserção da família no mercado de trabalho.

Além disso, houve uma adaptação nas perguntas utilizadas pela PCV, com as perguntas utilizadas na PBR. Um exemplo disto é o fato de nesta pesquisa ter sido utilizada a variável "Renda variou no último ano?", enquanto na PCV foi utilizada uma variável mais objetiva que é a "Continuidade de trabalho nos últimos 24 meses".

6. Continuação do estudo

Em um próximo projeto de pesquisa, o nível de vulnerabilidade criado no presente trabalho será utilizado para estratificar a amostra da PBR em grupos, que, por sua vez, balizarão o sorteio de indivíduos para as entrevistas em profundidade, de acordo com critérios estabelecidos por Weiss (1994).

Neste próximo estudo, objetiva-se descrever como as famílias e os trabalhadores de baixa renda em situação de vulnerabilidade dão significado ao trabalho através de pesquisas em profundidade. Ou seja, que atitudes, intenções e objetivos guiam suas vidas profissionais. Este trabalho se baseará em trabalhos de Morin, Tonelli e Pioplas (2004), Betiol (2005) e Pauchant (1995), dentre outros. Embora estes trabalhos foquem em atividades formais e estruturadas, serão utilizados como referência para este estudo na baixa renda em que o trabalho informal predomina.

Também serão desenvolvidos questionários e escalas mais precisas de vulnerabilidade de tal forma que possam ser aplicados em âmbito nacional.

As entrevistas em profundidade serão analisadas por meio de técnicas de análise de conteúdo e os questionários e escala serão analisados por análise fatorial e análise de equações estruturais para validação interna.

7. Conclusão

O objetivo deste trabalho é caracterizar uma amostra da população de Baixa Renda no Município de São Paulo em termos de Vulnerabilidade Social e de Trabalho, para futura exploração em entrevistas em profundidade. Esta pesquisa permitiu observar as grandes diferenças existentes na qualidade de inserção no mercado de trabalho entre os indivíduos de baixa renda. Nota-se que, mesmo dentro da baixa renda, há muita variabilidade nas condições de vulnerabilidade, e, dado o tamanho desta população, é importante ter maior conhecimento de cada um destes subgrupos para criação de uma política pública mais efetiva. A classificação familiar em termos de qualidade de inserção no mercado de trabalho ajuda a compreender os meios de política social que devem ser tomados para reduzir esta vulnerabilidade.

Também foi possível perceber claramente a situação vulnerável em que as mulheres estão inseridas, já que em todos os testes realizados apresentaram renda média inferior à renda dos homens, quando comparados em grupos homogêneos. Por meio desta pesquisa é possível afirmar que as mulheres dentro da população de baixa renda têm, em média, rendimentos inferiores aos dos homens.

Apesar de ter sido estudada apenas a população de baixa renda, foi possível perceber que existem meios para reduzir a vulnerabilidade familiar. Uma vez que os estudos e tipos de ocupação são determinantes para melhorar a qualidade de inserção, é possível afirmar que investimentos na área educativa devem proporcionar uma melhora significativa na qualidade de inserção dos membros familiares e, como conseqüência, das próprias famílias.

8. Referências Bibliográficas

AMICO, C; JUDY, R. Workforce 2000 Revisited. Brookings Institution, 1997.

ARANHA, Francisco; BUSSAB, Wilton; FRANCISCO, Eduardo; e OUTROS. Programa Integrado de Baixa Renda: Estudo de Microcrédito para Famílias de Baixa Renda do Município de São Paulo – Relatório Final do Primeiro Ano de Pesquisa. 2006. Manuscrito. Disponível sob pedido a francisco.aranha@fgvsp.br.

BAKER, Stacey Menzel; GENTRY, James W.; RITTENBURG, Terri L. Building Understanding of the Domain of Consumer Vulnerability. Journal of Macromarketing, Thousand Oaks, California, v. 25, n. 2, p. 128-139, Dec. 2005.

BERRY, J. A. e GORDON, Linoff. Data Mining Techniques for Marketing, Sales and Customer Support. New York: John Wiley and Sons, 1997, 454 pp.

BERNARD, Goldfrey. Toward the Construction of a Social Vulnerability Index-Theoretical and Methodological Considerations. *Social and Economic Studies;* Jun 2004; 53, 2;

BETIOL, Maria Irene S. Os Sentidos do Trabalho em duas Visões: São Paulo e Paris. Relatório de Pesquisa – GV Pesquisa. EAESP, São Paulo, 2005.

FILGUEIRA, Carlos H.; PERI, Andrés. América Latina: los rostros de la pobreza y sus causas determinantes. Chile: CEPAL, Jun. 2004, p.65.

HAIR, Joseph et al. *Análise multivariada de dados*. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005, p. 593.

HILL, Ronald Paul. Surviving in a material world: the lived experience of people in poverty. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2001. 175 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *PNAD - Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios:* Síntese de Indicadores 2005. Rio de Janeiro, Brasil. 2003.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísitica. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003 - Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro, IBGE, 2004.

JARVIS, Cheryl; MACKENZIE, Scott; PODSAKOFF, Philip. A critical review of construct indicators and measurement model misspecification in marketing and consumer research. Journal of Consumer Research, v. 30, Sep. 2003, p. 199-218. Disponível em EBSCO HOST Research Databases: http://search.epnet.com. Acesso em Abr. 2005.

JOHNSON, Susan; ROGALY, Ben. Microfinance and poverty reduction. Oxfrod: Oxfam, 1997.

JUDY, R. W.; D´AMICO, C. Workforce 2020: Work and Workers in the 21st Century. Indianapolis: Hudson Institute, 1997. 160 p.

KAZTMAN, Ruben. Activos y estruturas de oportunidades: estudios sobre las raíces de la vulnerabilidad social en Uruguay. Montevideo: CEPAL, Jul.1999, p.36.

MORIN, Estelle; TONELLI, Maria José; e PIOPLAS, Ana Luísa. O trabalho e seus sentidos. In: ENANPAD – Encontro Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração. Anais do ENANPAD 2003, Atibaia: 2003. Rio de Janeiro: ANPAD. Inclui CD-ROM.

MOSER, Caroline O. Confronting Crisis: A Comparative Study of Household Responses to Poverty and Vulnerability in Four Poor Urban Comunities. The World Bank, Washington, D.C. 1996.

MOURA, A. G. Impacto dos Diferentes Níveis de Materialismo na Atitude ao Endividamento e no Nível de Dívida para Financiamento do Consumo nas Famílias de Baixa Renda do Município de São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas. 2005. Orientador: Francisco Aranha.

MOURA, A. G; ARANHA, F; PONCHIO, M; e ZAMBALDI, F. The Relation between Vulnerability and Consumption Indebtedness in the Context of Low Income Families from the City of São Paulo. Submetido e aprovado para apresentação na

BALAS 2006 – The Business Association of Latin American Studies Annual Conference. Lima: BALAS. 2006.

MOURA, A. G; ARANHA, F; ZAMBALDI, F; e PONCHIO, M. As Relações entre Materialismo, Atitude ao Endividamento, Vulnerabilidade Social e Contratação de Dívida para Consumo: um Estudo Empírico Envolvendo Famílias de Baixa Renda no Município de São Paulo. Submetido e aprovado para apresentação no EMA 2006 – Encontro de Marketing da ANPAD. Rio de Janeiro: ANPAD. 2006.

PAUCHANT, Thierry C. and Associates. In Search of Meaning: Managing for the health fo our organizations, our communities and the natural world. Jossey-Bass Publishers. San Francisco, 1995.

ROMOLU, Fábio Luiz e SAMARTINI, André. Vulnerabilidade no Trabalho e População de Baixa Renda no Município de São Paulo. Trabalho de Iniciação Científica. EAESP, 2007.

ROS, Maria; SCHWARTZ, Shalom e SURKISS, Shoshana. Basic Individual Values, Work Values and the Meaning of Work. In: Applied Psychology, An International Review, vol. 48, n.1, jan. 1999.

SCHONBERGER, Steven. Microfinance prospects in Brazil. *Sustainable Development Working Paper n.12*. The World Bank, Sep. 2001.

SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. PCV – Pesquisa das Condições de Vida na Região Metropolitana de São Paulo – Mercado de Trabalho. São Paulo: 1992.

SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social. São Paulo: 2004. Disponível em http://www.seade.gov.br/produtos/ipvs/apresentacao.php. Acesso em Ago. 2005.

SOARES, C.; OLIVEIRA, S. *Gênero, Estrutura Ocupacional e Diferenciais de Rendimento***.** Econômica, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.5-33, jun. 2004.

TEIXEIRA, Caio Favero e SAMARTINI, André. Estudo Demográfico da Força de Trabalho Brasileira no Século XXI. Trabalho de Iniciação Científica. EAESP, 2007.

WEISS, Robert. Learning from Strangers: The Art and Method of Qualitative Interview Studies. New York: Free Press, 1996.

WRATTEN, E. Conceptualizing Urban Poverty. Background Paper for the United Nations Centre for Human Settlements (Habitat), Global Report on Human Settlements 1996. London: London School of Economics, 1994.

9. Anexos

ANEXO 1 – Questionário da PBR

Nome do Respondente:					
Nome do Entrevistador:			**Hora início:**		**Hora Fim:**
Crítica:	**Verificação:**		**Data:**		

Bom dia / Boa tarde / Boa noite. Meu nome é _____, sou entrevistador(a) da empresa BF Pesquisa de Mercado e Opinião e estou realizando uma entrevista para a Fundação Getulio Vargas. Com a sua resposta e a de outras pessoas que estão sendo entrevistadas, teremos condições de avaliar questões sobre micro-crédito e outros assuntos.

Identificação do Domicílio

1. Endereço (Rua, avenida, etc.):				
3. Complemento (Apto., casa, etc.):			**2.** Número:	
5. Bairro:			**4.** Telefone:	( )

6. Número do Domicílio	**7.** Município	**8.** Distrito	**9.** Setor Censitário	**10.** Código do Entrevistador

11. Condição da Entrevista (circule o número correspondente):

1. Realizada com o Titular 2. Realizada com o Substituto 3. Realizada complementar (mais famílias)

12. Visitas:

Dia / Mês:		Dia / Mês:		Dia / Mês:	
Início:		Início:		Início:	
Término:		Término:		Término:	

13. Entrevistador: Leia orientações e circule quem é o respondente da entrevista

Peça para falar com o chefe do domicílio; Caso ele não esteja disponível no momento, peça para falar com o cônjuge do chefe do domicílio; Caso nenhum dos dois esteja em casa, pergunte quando poderá encontrá-los e marque um retorno a este mesmo domicílio em outro horário.	1. Chefe da Família 2. Cônjuge 3. Ambos

14. Quantas famílias moram neste domicílio?		

Dados da conta de energia elétrica (ELETROPAULO)

15. Este domicílio recebe conta de empresa de distribuição de energia elétrica?

1	Sim.
2	Não - **AGRADEÇA, ENCERRE E SUBSTITUA A ENTREVISTA**

16. O medidor de energia elétrica deste domicílio é:

1	Individual.
2	Coletivo.

17. Este domicílio recebe subsídios ou abatimentos na conta de energia elétrica?

1	Sim.
2	Não.

O senhor se importaria em apresentar sua conta de energia elétrica para mim? Eu gostaria de observar seus dados de consumo de energia elétrica.

Entrevistador:

1 - Se o entrevistado **permitir**, receber a conta e anotar: *(consulte o anexo 1: Modelo de Conta da Eletropaulo)*

18. Número do Cliente (campo *"N° Cliente"* da conta):

19. Nome do titular da conta (nome que aparece na conta de luz):

20. Valor do campo *"Conta Referente a"* da conta:
21. Valor do campo *"Total a Pagar R$"* da conta:
22. Valor do campo *"Consumo kWh"* da conta:

2 - Se o entrevistado **NÃO permitir**, perguntar:

23. Qual é, em média, o valor de sua conta de luz?

24. Qual é, em média, o consumo em kWh (quilowatt-hora), de energia elétrica de seu domicílio?

Identificação do Entrevistado

25. Você sabe ler e escrever?	1	Sim.
	2	Não.

26. Quantas pessoas moram neste domicílio?

Para essas pessoas que moram com o Sr., responda: ANOTE AS RESPOSTAS NO QUADRO

27. Qual é a relação de parentesco entre vocês? (Completar a **coluna 1** - "Parentesco / Posição": começar pelo chefe da família. A seguir incluir o parentesco / posição dos demais moradores, em relação ao chefe da família. Consultar anexo 2.)

28. Quantos anos essas pessoas têm? (Completar a **coluna 2** - "Idade")

(Entrevistador: anote o **sexo dos moradores** na **coluna 3** - "Sexo". MASCULINO=1 e FEMININO=2)

29. Qual é a sua renda mensal? E a renda das pessoas que moram com você? (Explorar e incluir rendimentos do trabalho, pensão, renda mínima, bolsa-escola, seguro-desemprego e afins. Completar a **coluna 4** - "Renda")

30. Quem contribui regularmente com o pagamento das despesas da sua casa? (Completar a **coluna 5** - "Contribui?")

31. Para as pessoas que contribuem: com quanto cada uma delas contribui? (Completar a **coluna 6** - "Contribui com quanto?".)

32. Quem na sua casa decide uma nova compra grande, como por exemplo uma geladeira, ou um empréstimo de dinheiro para cobrir os gastos? (Completar a **coluna 7** - "Decisão")

Para cada uma dessas pessoas que você listou, por favor responda:

33. Freqüenta ou freqüentou escola ou creche? (Completar a **coluna 8** - "Estuda?" de acordo com a legenda abaixo)

1	Sim, rede particular.
2	Sim, rede pública.
3	Não, já freqüentou.
4	Nunca freqüentou.

34A. Para quem estuda: qual é o curso que freqüenta? Preencha a **coluna 9** de acordo com o cartão de Níveis de Escolaridade.

34B. Para quem já estudou: qual é o curso mais elevado que freqüentou? Preencha a **coluna 9** de acordo com o cartão de Níveis de Escolaridade.

34C. Para aqueles que nunca estudaram: marcar a **coluna 9** com "n/a".

35. Qual é a cor ou raça dessas pessoas? (Consultar o cartão de Cor / Raça para completar a **coluna 10** - "Cor / Raça")

Quadro Respostas P.27 até 35

INICIE PELOS HOMENS DA CASA, DO MAIOR PARA O MENOR, DEPOIS MULHERES, DEPOIS BEBÊS

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Parentesco / Posição	Idade	Sexo	Renda	Contribui? sim / não	Contribui c/ quanto?	Decisão sim / não	Estuda?	Curso	Cor / Raça
chefe fam. (NOME)		M= 1 F= 2		S= 1 N= 2		S= 1 N= 2	1 2 3 4		
		M= 1 F= 2		S= 1 N= 2		S= 1 N= 2	1 2 3 4		
		M= 1 F= 2		S= 1 N= 2		S= 1 N= 2	1 2 3 4		
		M= 1 F= 2		S= 1 N= 2		S= 1 N= 2	1 2 3 4		
		M= 1 F= 2		S= 1 N= 2		S= 1 N= 2	1 2 3 4		
		M= 1 F= 2		S= 1 N= 2		S= 1 N= 2	1 2 3 4		
		M= 1 F= 2		S= 1 N= 2		S= 1 N= 2	1 2 3 4		
		M= 1 F= 2		S= 1 N= 2		S= 1 N= 2	1 2 3 4		
		M= 1 F= 2		S= 1 N= 2		S= 1 N= 2	1 2 3 4		
		M= 1 F= 2		S= 1 N= 2		S= 1 N= 2	1 2 3 4		

36. Alguém mais contribui regularmente para a renda da família? Com quanto cada uma delas contribuiu no mês passado?

Envolvimento / parentesco com a família	Valor da Contribuição

37. Este domicílio é:

1	**Imóvel próprio quitado.**	4	**Imóvel próprio ainda não quitado.**
2	**Imóvel alugado.**	5	**Imóvel cedido.**
3	**Imóvel ocupado.**		

38. O Senhor está trabalhando atualmente?

1	**Sim.**
2	**Não. (Neste caso, ir para a questão 40).**

39. No seu trabalho principal, o Sr. é: (ler as alternativas e assinalar somente uma)

1	**Empregado assalariado, exceto doméstico.**
2	**Estagiário remunerado.**
3	**Empregado doméstico mensalista.**
4	**Empregado doméstico diarista.**
5	**Empregado que ganha exclusivamente por produção.**
6	**Conta-própria ou autônomo.**
7	**Profissional universitário autônomo.**
8	**Empregador.**
9	**Dono de negócio familiar.**
10	**Trabalhador familiar sem remuneração salarial.**
11	**Presta serviço militar obrigatório, assistencial ou religioso com alguma remuneração.**

40. Pense no ano de 2004. A renda da sua família variou muito?

1	Sim. Por quê?
2	Não.

Agora, vou te apresentar uma escala que utilizaremos para o Sr. responder as frases que lerei a seguir. Esta é uma escala de 5 pontos, onde o ponto 1 indica que o Sr. não concorda com a frase que ouviu. O ponto 5 indica que o Sr. concorda com a frase. Caso o Sr. tenha algumas dúvidas entre concordar e não concordar, poderá usar os números 2, 3 e 4. Olharemos uma frase de cada vez.

Como aquecimento, vamos fazer um teste. Olhando na escala, que número você escolheria se eu dissesse: "Hoje está fazendo frio!". (Certificar-se de que o respondente compreendeu a escala).

41. Para cada um dos itens a seguir, escolha uma resposta na régua que lhe é mostrada (exibir régua com a escala de 5 pontos)

Não é certo gastar mais do que ganho.	1	2	3	4	5	41.1.
Eu admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras.	1	2	3	4	5	41.2.
É melhor primeiro juntar dinheiro e só depois gastar.	1	2	3	4	5	41.3.
Eu gosto de gastar dinheiro com coisas caras.	1	2	3	4	5	41.4.
Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco.	1	2	3	4	5	41.5.
Minha vida seria muito melhor se eu tivesse muitas coisas que não tenho.	1	2	3	4	5	41.6.
Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar suas coisas.	1	2	3	4	5	41.7.
Comprar coisas me dá muito prazer.	1	2	3	4	5	41.8.
Prefiro comprar parcelado do que esperar ter dinheiro para comprar à vista.	1	2	3	4	5	41.9.
Eu ficaria muito mais feliz se pudesse comprar mais coisas.	1	2	3	4	5	41.10.
É importante saber controlar os gastos da minha casa.	1	2	3	4	5	41.11.
Eu gosto de possuir coisas que impressionam as pessoas.	1	2	3	4	5	41.12.
Prefiro pagar parcelado mesmo que no total seja mais caro.	1	2	3	4	5	41.13.
Eu gosto de muito luxo em minha vida.	1	2	3	4	5	41.14.
As pessoas ficariam desapontadas comigo se soubessem que tenho dívida.	1	2	3	4	5	41.15.
Me incomoda quando não posso comprar tudo que quero.	1	2	3	4	5	41.16.
Não tem problema ter dívida se eu sei que posso pagar.	1	2	3	4	5	41.17.
Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.	1	2	3	4	5	41.18.

42. Qual é a sua religião ou culto?

1	Católica
2	Evangélica - pentecostal
3	Evangélica - outras. Qual? _____
4	Espírita
5	Protestante
	Outra. Qual? _____
6	Sem religião (*Ir para a questão 45*).

43. Com que freqüência o Sr. vai à Igreja?

1	Não vou (de 0 a 4 vezes por ano).
2	Raramente - 1 ou menos vezes ao mês.
3	Pouco - 2 ou 3 vezes ao mês.
4	Com freqüência - cerca de 1 vez por semana.
5	Sempre - mais de 1 vez por semana.

Agora, utilizaremos novamente a escala que te apresentei. O Sr. ainda lembra como usá-la? (Caso a resposta seja negativa, instruir outra vez o respondente quanto ao uso da escala).

44. Para cada um dos itens a seguir, escolha uma resposta na régua que lhe é mostrada (exibir régua com a escala de 5 pontos)

Minha religião é uma das coisas mais importantes na minha vida.	1 2 3 4 5	44.1.
Sou seguidor das idéias defendidas por minha religião.	1 2 3 4 5	44.2.
Conheço bem as regras de minha religião.	1 2 3 4 5	44.3.

45. Gostaria de saber um pouco sobre seus gastos e consumo. (É importante diferenciar investimento de consumo na coluna uso)

45.1. O Sr. ou sua família atualmente tem carnê de loja ou crediário?
45.2. Se sim, quantas parcelas faltam para pagar e qual o valor de cada uma? (preencher as **colunas 2 e 3**)
45.3. O que foi comprado nestas lojas? Quem decidiu pela compra e forma de pagamento? (preencher as **colunas 4 e 5**)

1 - Fonte de Financiamento		2 - N° parcelas	3 - Valor de cada parcela	4 - Uso	5 - Decisor
Carnê de Loja ou Crediário	1 - Tem 2 - Não tem				
Carnê de Loja ou Crediário					
Carnê de Loja ou Crediário					
Carnê de Loja ou Crediário					

ENTREVISTADOR: SE CHEQUE PRÉ DATADO ANOTAR EM "OUTRAS FORMAS DE FINANCIAMENTO"

45.4. O Sr. ou sua família atualmente têm empréstimo de financeira ou banco? (no preenchimento, especificar se financeira ou banco)

45.5. Se sim, quantas parcelas faltam pagar e qual o valor de cada uma? (preencher as **colunas 2 e 3**)
45.6. O empréstimo foi para que? Quem decidiu pegar o empréstimo? (preencher as **colunas 4 e 5**)

1 - Fonte de Financiamento		2 - N°parcelas	3 - Valor de cada parcela	4 - Uso	5 - Decisor
Empréstimo	1 - Tem 2 - Não tem				
Empréstimo					
Empréstimo					
Empréstimo					

45.7. O Sr. ou sua família atualmente usam cartão de crédito ou cartão de loja, tipo C&A. Extra ?
45.8. Se sim, qual foi o valor da fatura do mês anterior? (preencher a **coluna 2**)

45.9. Para que tipo de gasto o Sr. ou sua família usaram o cartão de crédito? Quem decidiu pelo uso do cartão? (**colunas 3 e 4**)

1 - Fonte de Financiamento		2 - Valor da última fatura	3 - Uso	4 - Decisor
Cartão de crédito	1 - Tem 2 - Não tem			
Cartão de crédito				
Cartão de crédito				
Cartão de crédito				
Cartão de crédito				
Cartão de crédito				
Cartão de crédito				
Cartão de crédito				

45.10. O Sr. ou sua família atualmente usam limite do cheque especial?
45.11. Se sim, quanto ficou negativo nos últimos 30 dias? (preencher a **coluna 2**)
45.12. Para que tipo de gasto o Sr. ou sua família usaram o limite do cheque especial? Quem decidiu pelo uso do limite? (preencher as **colunas 4 e 5**)

1 - Fonte de Financiamento		2 - Valor da última fatura	3 - Uso	4 - Decisor
Limite de cheque especial	1 - Tem 2 - Não tem			
Limite de cheque especial				

45.13. O Sr. ou sua família utilizam outra forma de financiamento? (mostrar cartão com fontes de financiamento)
45.14. Se sim, quantas parcelas faltam para pagar e qual o valor de cada uma? (preencher as **colunas 2 e 3**)
45.15. O financiamento foi para que? Quem decidiu? (preencher as **colunas 4 e 5**)

1 - Fonte de Financiamento		2 - N°parcelas	3 - Valor de cada parcela	4 - Uso	5 - Decisor
	1 - Tem 2 - Não tem				

ENTREVISTADOR: INSERIR CHEQUE PRÉ DATADO

46. Quais destes bens duráveis o Sr. ou algum membro de sua família, residente neste domicílio, possui:

Ler as alternativas e registrar a quantidade de cada bem durável listado. Se não possuir o bem, registrar 0.

	Quantidade		Quantidade
Rádio		Aspirador de pó	
Aparelho de som		Máquina de lavar roupa	
Televisão (em cores e preto e branco)		Tanquinho	
Videocassete		Computador (micro, laptop ou notebook)	
DVD		Telefone fixo	
Geladeira simples		Telefone celular	
Geladeira dúplex		Condicionador de ar	
Freezer independente		Motocicleta	
Lâmpadas em funcionamento		Ferro de passar	
Chuveiro elétrico		Empregada mensalista	
Banheiro			
Automóvel de Passeio			

46.1. Quantos cômodos existem neste domicílio? (anote o número ao lado) _____ **Incluir banheiros**

46.2. Quantos cômodos são usados permanentemente para dormir? _____

47. Agora, gostaria de saber se o Sr. usa (e como usa) alguns equipamentos de tecnologia.

	Tem ? Tem acesso ?			Frequência			Profundidade		Facilidade		
	Não tem e não usa	Tem e não Usa	Tem e Usa	1 ou 2 vezes por semana	1 ou 2 vezes por dia	Várias Vezes por dia	Usa apenas para fazer e receber chamadas	Usa outras funções além das básicas (agenda, foto, mensagens)	Usa e acha difícil	Usa e não acha nem difícil nem fácil	Usa e acha fácil
Telefone Celular	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
	Não tem e não usa	Tem e não Usa	Tem e Usa	Quase Nunca	1 ou 2 vezes por mês	Toda Semana	Usa apenas para assistir a filmes	Usa outras funções além das básicas (gravação, programação)	Usa e acha difícil	Usa e não acha nem difícil nem fácil	Usa e acha fácil
Video ou DVD	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
	Não tem e não usa	Tem e não Usa	Tem e Usa	1 ou 2 vezes por semana	1 ou 2 vezes por dia	Várias Vezes por dia	Usa apenas para esquentar comida	Usa outras funções além das básicas (descongelamento, fazer receitas)	Usa e acha difícil	Usa e não acha nem difícil nem fácil	Usa e acha fácil
Micro Ondas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
	Não tem e não usa	Tem e não Usa	Tem e Usa	Quase Nunca	1 ou 2 vezes por mês	Toda Semana	Usa apenas para retirar dinheiro	Usa outras funções além das básicas (depósito, pagamentos)	Usa e acha difícil	Usa e não acha nem difícil nem fácil	Usa e acha fácil
Caixa Eletrônico de Banco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
	Não tem e não usa	Tem e não Usa	Tem e Usa	Pelo menos 1 vez por mês	Pelo menos 1 vez por semana	Todos os dias	Usa apenas Internet	Usa outras funções além das básicas (outros programas)	Usa e acha difícil	Usa e não acha nem difícil nem fácil	Usa e acha fácil
Computador	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
	Não tem e não usa	Tem e não Usa	Tem e Usa	Pelo menos 1 vez por mês	Pelo menos 1 vez por semana	Todos os dias	Usa apenas as funções básicas (e-mail, bate papo)	Usa outras funções além das básicas (pesquisa, leitura)	Usa e acha difícil	Usa e não acha nem difícil nem fácil	Usa e acha fácil
Internet	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

48. Bem, todos esses equipamentos citados fazem parte do que chamamos de "Novas Tecnologias", ok? Agora vou fazer algumas afirmações sobre novas tecnologias e o Sr. vai me dizer se concorda ou discorda de acordo com a escala de 5 pontos que te apresentei. Você ainda lembra como usá-la? (Caso a resposta seja negativa, instruir outra vez o respondente quanto ao uso da escala).

Você sente vontade de conhecer as novas tecnologias.	1 2 3 4 5	48.1.
Quando você faz alguma coisa com essas novas tecnologias, você nunca tem certeza se o que você fez está certo.	1 2 3 4 5	48.2.
Você acha seguro lidar com dinheiro em máquinas eletrônicas ou computadores.	1 2 3 4 5	48.3.
Você precisa de ajuda quando se trata de mexer com novas tecnologias.	1 2 3 4 5	48.4.
Entre os seus amigos, você é um dos primeiros a usar novos equipamentos tecnológicos (eletrônicos).	1 2 3 4 5	48.5.
Você sente confiança quando pede ajuda para mexer com essas novas tecnologias.	1 2 3 4 5	48.6.

Muito obrigado(a) por sua contribuição!